



35

Handwritten signature and text in the top left corner.



CRÓNICA
Masculina



DE homem PARA homem

HOMEM: aqui tens uma revista para ti. Uma revista? — Terás perguntado, quando os teus olhos se percataram da singeleza e do tamanho. Sim, uma revista, pequenina, desprentensiva — tanto quanto possível amena e garrida. Aliás, tu podes chamar-lhe o que quiseres... Vai limpa, airosa, expurgada de assuntos de mau gosto. Folheia-a, que talvez lhe encontres alguma piada. Aqui e além procurámos salpicá-la de graça — daquela graça inofensiva e sãda que a tua mentalidade e a tua moral não recusam. E a entremear as coisas que nela juntámos — para que fosse uma revista — acharás também uma alegre sugestão de mocidade — daquela fresca primavera que te vai fugindo.

Ao dar à estampa mais uma publicação, que ambicionámos nós? Tão somente conversar contigo. Assim mesmo, à guisa da missiva, leve, agradável, variada e moça, que receberás todas as semanas, iremos contar-te as coisas curiosas que há no mundo.

Mas... oh diabo! O diálogo agora enectado terá de ser interrompido... Ali à direita — já reparaste? — começou a bisbilhotice... Também, sem *ela*, deixa que te digamos, não nos seria possível apresentar este magazine. A mulher está na origem de todas as coisas — e é por causa *dela* que debaixo do sol há sempre novos eventos...

OS EDITORES



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 1 — 8-XII-1956

Director e Editor: RUI COSTA
Redacção e Administração: Rua Saralva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — (Composto e impresso
nas oficinas da E. N. P. (Anuário
Comercial de Portugal)

Todos os sábados



Rafael Sanzio (1483-1520) fez o seu primeiro desenho quando tinha quatro anos, e com doze assinou alguns trabalhos notáveis tais como a famosa *Matança dos Inocentes*. Aos dezasseis, desenhou este auto-retrato.



Franz Listz (1811-1886), tinha onze anos quando, depois de um concerto recebeu um beijo de Beethoven cuja admiração conquistara.

Frederico Amadeo Mozart (1756-1791), é um dos meninos prodígios mais famosos. Contava apenas três anos quando, um dia, o pai o foi surpreender diante do clavincelo e lhe perguntou: «Que estás a fazer?» «Não vês, papá, que procuro as notas que se amam».

GRANDES DESDE PEQUENOS



*UM MOMENTO,
POR FAVOR!...*



— Lá por isto ser uma «crónica masculina», não julgue que as mulheres não metem bedelho. Ande, mexa os dedinhos, vá folheando que nós não tardaremos a aparecer-lhe...



FIQUE-SE COM ESTA!

O único monarca que fez seguro contra a perda do trono deve ter sido Prajadhípok, rei do Sião, que governou de 1925 até 1935, quando foi obrigado a abdicar. Como tinha feito seguro «contra desemprego» em companhias francesas e inglesas quando principiara a reinar, as importâncias que recebeu desses seguros deram-lhe para viver confortavelmente até 1941, data em que faleceu.

Nunca devemos emprestar livros — ninguém os devolve. Os únicos livros que tenho na biblioteca são os que me foram emprestados — dizia Anatole France. Consequentemente, o leitor amigo não deve emprestar este magazine.

Havia no México um conselheiro que se dedicava a curiosa mania de coleccionar: juntava objectos que houvessem sido causa de mortes. Ao ter conhecimento de que ocorria uma tragédia em qualquer parte, mesmo noutro país, tratava de adquirir o objecto «culpado» que podia ser um tapete em que alguém tropeçasse e morresse em consequência da queda; um quadro que ao desprender-se da parede causasse a morte de alguém, etc., etc..

Durante um período de 50 anos juntou 15000 dessas peças, que lhe custaram cerca de 15.000 dólares.

Em Toronto (Canadá), Roy Elliot abriu um estabelecimento que conserta ou limpa urgentemente fatos de homens solteiros. O negócio corre-lhe à mil maravilhas. Quase noventa por cento da clientela são... mulheres casadas!

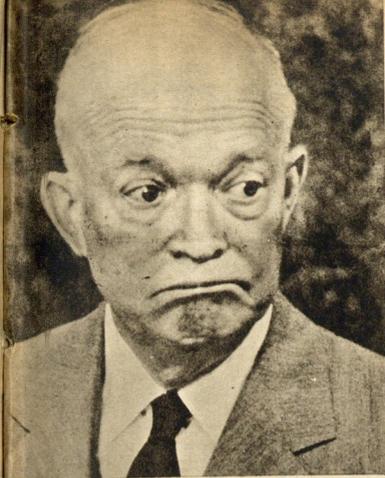
Observa Bob Hope: — Costumam afirmar que o exercício mata os micróbios. Bem, mas como se consegue que os micróbios façam exercício?

Homem aborrecido é aquele que fala quando tu querias que ele te ouvisse.
Ambrose Bierce

O antigo ministro dos Estrangeiros de França, Robert Shumann, é um solteirão inveterado e várias vezes tem tido occasion de expor os motivos pelos quais não se quis casar. Um jornalista norte-americano interrogou-o a tal respeito.

— Nunca procurei a mulher ideal... ou nunca a encontrei?

— Oh, sim — respondeu Shumann — procurei deveras. Mas quando finalmente a encontrei, ela disse-me que andava à procura do homem ideal.



dio a favor de nenhum dos candidatos. Dedicou a sua espádua direita a Eisenhower e a esquerda ao democrata Stevenson.

Mas, de acordo com uma tradição arreigada, o povo americano nunca muda de governo, ou pelo menos de partido, quando goza os benefícios da paz e da prosperidade. E com Eisenhower no poder, esse povo destruiu uma paz sólida e conheceu o nível de vida mais elevado da sua história.

As mulheres (que em todas as latitudes governam os homens, mesmo os que governam, em casa e na Política), quiseram que o «soldado da vitória» não saísse da Casa Branca. E foram elas que, tal como há quatro anos, decidiram as eleições. Dizem que o sorriso do velho Ike é uma fortuna política e uma chave que abre o coração. E onde elas mandam tem de mandar quem elas querem. Por isso, rezam as crónicas, Ike ficou no poder.

A AMÉRICA ESCOLHEU ...

MAIS do que as palavras, as imagens nos dão a nota do pitoresco sabor que revestiu o pleito político há pouco verificado na maior nação da América.

Com uma ordem irrepreensível e com uma compostura exemplar—ou não se tratasse de um acto de civismo, a gigantesca campanha eleitoral precursora do plebiscito assumiu aspectos de lenda. Divididos em duas facções rivais, mas unidos pelos mesmos designios, os norte-americanos levaram ao incrível a sua imaginação prodigiosa para fazer vingar os seus favoritos.

A fotografia que se reproduz na contracapa ilustra a asserção: Não se esqueçam! — diz Carol Lewis, a «rainha dum colégio de Chicago que encontrou um meio original de incitar os seus concidadãos a exercer o direito de voto. Todavia Carol não se deci-



6 histórias de AUTOMOBILISTAS

1 Pergunta um vizinho a outro que adora as velocidades vertiginosas.

— Que diabo de ideia a sua, amigo Sarapião, essa de pintar de vermelho um lado do carro e o outro lado de azul?!

O interpelado:

— É muito simples, meu caro Godofredo. Deste modo é muito possível que as testemunhas se contradigam entre si.

2



3 JUIZ — Que prova pode o réu aduzir em favor da afirmação de que não ia com excesso de velocidade?

MOTORISTA — A de que ia visitar minha sogra.

4 O empregado da garagem para a gentil condutora de um automóvel seriamente danificado.

— Lamento muito, minha senhora, mas só lavamos veículos, não os engomamos.

5 Sorrindo galantemente, ao mesmo tempo que tirava da algibeira o seu «carnet» de notas, o polícia de trânsito observou:

— Sessenta quilômetros por hora. É esta a velocidade a que seguia.

Ela pôs o dedo sobre os lábios e abriu os olhos numa expressão de surpresa.

— Oh, senhor guarda! — murmurou em voz baixa. — Esteve alguém a enganá-lo, pois ainda não há cinco minutos que sai de casa.

6 O mecânico da garagem para o dono do automóvel.

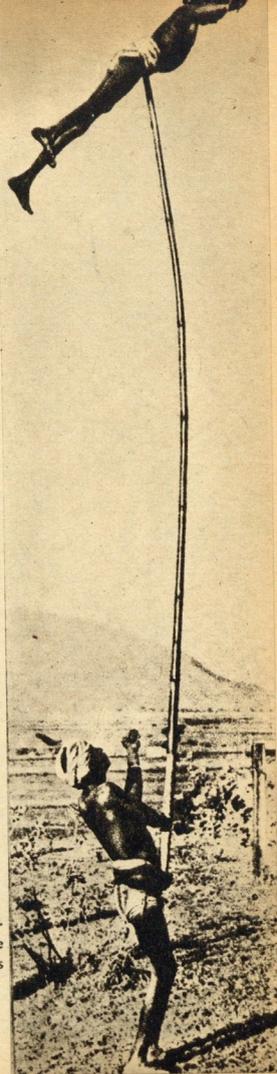
— O meu conselho é que guarde o óleo e mude de carro.



... e uma de «lambreta»

Esta insinuante rapariga, Leigh Sorowden de sua graça e atriz de sua profissão, que interpretou muito recentemente «Fora da Lei» não está fora das leis do trânsito mas está muito longe do hábito de chorar... para andar de «Lambreta». Mal se apoderou do seu flamante veículo deu uma volta pelas ruas torcicolantes da sua cidade labiríntica — a universalíssima Hollywood — e convence toda a gente de que está ali para as curvas...

Da multimilenária Índia, país de contrastes e de tradições, veio-nos este instantâneo em que se reflecte o carácter de um povo quase troglodita: acrobacias numa cana de bambu...





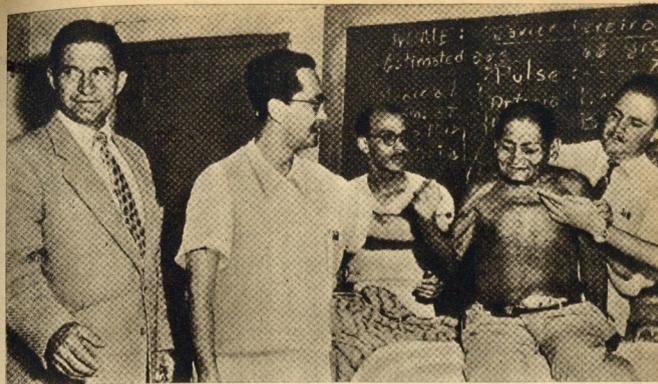
O HOMEM que não morre

O leitor talvez já conhecesse a história singular do sr. Javier Pereira — um nome próprio e um apelido que sugerem ascendência lusa. Talvez já soubesse também que, quando o presidente do Sindicato dos jornalistas da Colômbia, sr. Douglas Storer, foi descobrir à sua mansão quase bi-secular o novo Matusalem, este lhe disse com orgulho olímpico: «Tenho mais de 150 anos, tenho uns 166; e que a abonar a sua longevidade existe um cidadão americano de 86 invernos que protestou aos repórteres que o «nosso» Javier já era velhinho quando ele era criança...

A surpresa que lhe oferecemos reside apenas no documento fotográfico: o sr. Javier Pereira, rijo e sólido ainda caminha pelo seu pé e, por muito mau que seja o mundo, parece disposto a não ir desta para melhor — pelo menos tão cedo...



Javier Pereira, é ainda um espírito vivaz. Anima as conversas e tem muito que contar...



Na ardósia estão traçados todos os elementos da ficha biométrica e clínica do grande macróbio, ao lado se vê o dr. José Miguel Restrepov, famoso geratologista sul-americano.

A ESTRELA E OS MACAQUINHOS

ESTE curioso instantâneo subtraído ao álbum de recordações da artista, é a foto preferida de Maria Dulce. Foi colhido há um par de anos no zoo alfacinha. Não obstante, o curso do tempo que mudou inclusivamente as feições da gentil estrelinha, a sua preferência justifica-se. Documenta um gesto de espontânea ternura e merece uma legenda emprestada por vero pensador: «nos animais, para doutrina dos homens, parece que imprimiu o criador particular instinto para amarem a quem os ama».





SINGULAR destino o destes dois homens que tudo parecia separar. Stand Laurel nasceu na Inglaterra em Ulverston; Oliver Hardy vira a luz do dia, três anos mais cedo na América, em Atlanta, Estado da Geórgia. Um era filho de um comediante; o pai do outro era juiz.

O riso dos homens uniu-os. A magreza tímida de Laurel estabelecia gracioso contraste com a nutrida compleição de Hardy, pois as expressões mesquinhas de um, aliadas às atitudes pretensiosas do outro desencadeavam torrentes de hilariedade. Tornaram-se célebres também em parceria. Os soubriquets de Estica e Bucha porque eram designados no nosso país tiveram um equivalente em quase todos os idiomas do mundo. Os seus «gags», as suas «chocarrices», o tom popular do seu humor, a sua comicidade baseada em efeitos muito simples causavam o delírio da petizada e da gente crescida, dando aos seus êxitos uma longevidade nunca então igualada — nem por actores de engenho e talento superior ao seu, tais como Charlie Chaplin, Buster Keaton, Harold Lloyd e mais uns quantos. Ninguém sabia como eles provocar gargalhadas.

Cento e oitenta filmes produzidos em duas décadas formam o rol extenso de êxitos contínuos.

AGORA
FAZEM
CHORAR



Laurel e Hardy que resistiram imperturbáveis aos assaltos impetuosos do tempo, conseguiram fazer sorrir os próprios camaradas de trabalho durante as filmagens com naquela inesquecível cena da «Cavalgada para o Oeste» na sequência da qual carregavam um piano sobre uma prancha por cima de um abismo: um fenómeno raras vezes verificada nos bastidores do cinema.



Mas o riso que os unira rendeu-se há pouco ao destino que desde a primeira hora persistia em separá-los. Oliver Hardy e Stand Laurel não voltarão mais à tela. Uma ironia cruel apagou-lhes a luz do talento e destroçou-lhe os músculos. Gravemente enfermos, Oliver Hardy com uma apoplexia e Stand Laurel hemiplético, nem podem saborear da grata recordação do seu passado...

Os homens que esparziam de graça as plateias do vasto mundo, prostados por imperdoáveis enfermidades, fazem agora chorar...

Há poucos anos ainda não tinham perdido o bom humor. Este instantâneo foi colhido no decurso de uma festa celebrada nos estúdios.



Este quadro sugere-nos o trecho paradisíaco do Jardim do Campo Grande numa tarde estival de Junho: o seu lago e a vegetação que o circunda. Mas não é cá! A rapariga que impulsiona os remos do seu barquinho alvo no leito claro das águas, chama-se Dani Crayne e baptizou-se na América certamente depois de ter descido do Olimpio. Para onde vai ela? Naturalmente segue o rumo das «estrelas» em demanda de Hollywood — ou não. Como filha de Neptuno talvez não queira fugir ao seu elemento...



Um motorista de taxi (O MAIS BONITO DE PARIS) que veste saias...



De manhã começa o dia, e hoje muito excepcionalmente o primeiro cliente é também uma mulher.

QUEM já foi a Paris, talvez a conheça. Quem a não conhece e tenciona visitar a cidade-luz pode lobrigá-la. É muito fácil: ela conduz um «Citroen» com o n.º 809 E C 75 de matrícula e tem uma particularidade: é o mais bonito motorista da capital francesa embora não seja o único que veste saias. É jovem simpática, e atenciosa. Escolheu actividade que exerce para ajudar o marido. Casou-se há pouco com um desportista de nomeada: o terceiro classificado nos jogos olímpicos de Helsinquia numa modalidade difícil: o «Kayak».

Esta informação já serve de advertência ao portuguêsinho sentimentalão que ouse discar-lhe o olho... Genevieve vive amorosamente a vida do lar e consegue conciliar a profissão que eligeu com os quezafes domésticos. Levanta-se às 7 horas, às 8 está na «praça», trabalha até às 11 e por volta do meio dia já tem o almoço na mesa.

Considerada por todos os colegas, só uma vez se lhe deparou um cliente atrevido.

Foi a próprio Genevieve que, sorridente nos contou a história:

— Uma vez nos Campos Elíseos, um homem, cidadão egípcio ou coisa que o valha, aproximou-se de mim de olhos em alvo e disse-me —

«Mademoiselle leve-me consigo para onde quiser mas deixe-me que a abraçe...» Ora o chamuscado... (traduzimos a palavra à letra)... voltei-lhe as costas e carreguei no acelerador. «Que é que ele queria?»

Com Genevieve que é simpática e atenciosa, o nosso sexo fica a perder de vista — duas vezes...

Depois de uma jornada fatigante, a paz suavisadora do lar, onde a espera o marido.



Gina Lollobrigida foi entre todas as actrizes a escolhida para viver na tela o papel de «a mais bela do mundo». Todos nós sabemos isso, mas uma interrogação parece assaltar o nosso espírito: a selecção foi bem feita? Será ela, realmente a mais bela do mundo? Salvo melhor parecer, cremos que não. Que é a beleza? Antigamente a beleza, conjunto de perfeições, plásticamente raras, era dom que só os deus poderiam conferir: hoje em dia, a beleza faz-se qual obra de arte, nos tocadores bem providos de cosméticos e nos estúdios do cinema. Gina Lollobrigida produto da indústria do celulóide, não pode ser a mais bela do mundo — como muita gente pensa...

1. Perdigão Queiroga, atarefadíssimo, pergunta à sua secretária onde está o lápis.

— Oh! Tem o senhor na orelha. — respondeu-lhe a Manuela. — Vá, menina! — torna o Queiroga irritado — Não tenho tempo a perder. Diga-me em qual delas!

2. Encontrámos, há dias, o Erico Braga na Calçada do Carmo. Ia com cara de poucos amigos.

— Então, Braga?
— Sabe lá! O que mais me irrita é ouvir estes barbeiros calvos dizerem-me o que devo fazer para conservar o cabelo.

O ESPIÃO IDEAL

Vários cientistas norte-americanos se têm esforçado por estabelecer a estrutura do espião ideal. Ladislav Farago, no seu livro «Guerra de inteligência: enuncia dez características do espião ideal»:

1. O seu moral tem de ser elevado e deve interessar-se profundamente pelo trabalho encomendado.
2. Deve ser enérgico, cauteloso e empreendedor.
3. Deve possuir recursos e reflexos rápidos.
4. Deve ser emocionalmente estável: resistir pacientemente às violências.
5. Deve ser exímio em granjear amizades e trabalhar como membro de uma equipa.
6. Deve conhecer o modo de inspirar colaboração, organizar, administrar e dirigir os outros. Deve estar sempre disposto a aceitar responsabilidades.
8. Deve saber iludir e despistar-se.
9. Deve ser ágil, ousado e robusto.
10. Deve saber recordar pormenores, ter memória de formas, e relatar as suas observações com minúcia.

MUITO CONHECIDA, SIM... mas de quem se trata?

Trata-se de uma menina bonita e jovem com quem você não desdenharia casar-se. Pesa apenas 100 libras (massa equivalente a cerca de 53 Kgs.) e mede somente um metro e cinquenta e oito centímetros. No entanto, cuidado com esta donzela! A mamã é uma Bowes Lyons. Muito feliz, muito satisfeita da vida, é difícil convencê-la a dar o sagrado nó. Canta e dança muito bem, toca piano e adora os ritmos modernos. Veste com inextinguível elegância e usa chapéus que lhe realçam a beleza do rosto. Aparece a miúdo no cinema.

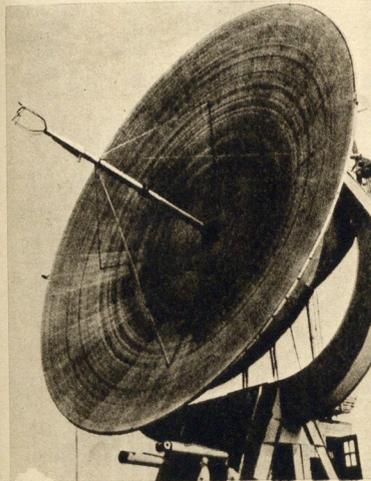
Quem será? Cremos que os dados são suficientes. Mas se não forem, o leitor amigo tem o recurso de consultar a solução que se publica na página 30.



Sabem quem ele é? Olhem que está bem disfarçado. Andrajoso, de cabelos em desalinho e sandálias de corda, passa, sem esforço, por um mendigo que estende a mão à caridade. Mas não nasceu no Japão nem é mendigo. Pelo contrário; tem um lugar ao sol no firmamento do mundo cinéfilo: é Marlon Brando.

O MAIS JOVEM SEPTUAGENÁRIO DE INGLATERRA

ESTA velhinho! Pois sim. Mas um velhinho só-lido. Intimamente, os anos não têm poder sobre ele. Conserva a mesma frescura de espírito de há três ou quatro épocas, uma frescura que faz inveja a muita gente moça. Renunciou à política, mas não abdicou dos seus hábitos, por exemplo do hábito de viajar e fazer desporto. Ainda agora esteve no Sul da França a passar umas curtas férias e jogou o golfe. Regressou a Londres com uma indumentária de figurino russo, mas protestou aos amigos que não era, embora lhe vestisse a pele. Não há dúvida: velhinho como o vêm, este sr. Churchill deve ser o mais jovem septuagenário da velha Albion.



A CONTECEU no dia seis de Setembro. Marte estaria «muito» próximo da Terra (56 milhões e 958 mil quilómetros, o que astrológicamente nada representa) e essa seria a oportunidade para conhecer melhor o vermelho planeta. Todos os observatórios do mundo abriram os «olhos», quem sabe se para descobrir embarcações pacíficas singrando os canais de lá, talvez menos turbulentos que os de cá...

Mas para se conhecer um planeta vê-lo não chega; é preciso ouvi-lo também. E, assim, uma equipa da marinha dos Estados Unidos armou um rádio-receptor a fim de captar possíveis sinais, emitidos do planeta vizinho. A foto, reproduz o gigantesco receptor, cujo diâmetro é de 16,50 m, uma verdadeira orelha de gigante, que captou ondas de rádio vindas de Marte e que dão aproximadamente a temperatura de lá.

E que viram os homens perspicazes, de olhos e ouvidos alerta? Que o «estranho» planeta é um deserto batido por ventos agrestes e gelos, sem água e sem oásis — sem homens e sem mulheres — a imagem viva da desolação e da morte...

ESTÁ de acordo?

Não podereis encontrar mulher que me convenha, porque, sendo mulher, nenhuma me convém. — QUEVEDO

Não vale a pena de escolher entre as mulheres. Por que valem todas o mesmo? Não; porque nenhuma vale nada. — PLAUTO

A mulher é mais amarga que a morte. — SALOMÃO

«A mulher diz a Bíblia, foi a última obra que Deus criou». Deve tê-la feito no sábado, ao anoitecer. Sente-se que já estava cansado. — A DUMAS (FILHO)

Há só duas mulheres boas no mundo: uma, que já morreu; outra, que não nasceu ainda. — PROVERBIO ALEMÃO

A mulher é o mais terrível de todos os males. — EURÍPEDES

Temer o amor de uma mulher mais do que o ódio de um homem. — SOCRATES

Uma mulher rica é um mal insolente. — JUVENAL

Uma mulher pequena é muitas vezes uma grande carga. — OXEN-TIERN

Deus pôs junto de nós um animal hediondo: a mulher. — (DE UM JUDEU FAMOSO)

As mulheres, numa palavra, não valem o diabo. — MOLIELE

Comparo a mulher com a pantera, porque se lhe assemelha em tudo. Nas aves, a sua análoga é a perdiz, e nos répteis a víbora. — ARÍSTOTELES

Prefiro lutar contra mil legiões do que abraçar uma mulher. — NAPOLEÃO I

As mulheres só têm de bom o que têm de melhor. — CHAMFORT

A carícia de uma mulher fere mais que um punhal. — JÚLIO CÉSAR

A mulher é uma providência, concordam todos. E, contudo, se essa providência não existisse, ninguém desejaria inventá-la! — J. SOULARY



...ainda está de acordo?

POR QUE SE PINTAM AS

QUE a mulher se pinte, é justo, mas que altere e desfigure a própria fisionomia com desajeitados golpes de «rouge» e de «baton», é coisa que se lhe não deve pedir.

Nisto é que bate o ponto com que mais se rebate a maquiagem. Todo o acto humano (dos homens e principalmente das mulheres) deve ser presidido por uma influência lógica de molde a equilibrá-lo na esfera do bom senso. Tentar fugir a essa norma é cair no ridículo e sujeitar-se, por consequência, à mais acerba crítica.

Quantas jovens (e quarentonas até) não existem por aí, que seriam verdadeiramente encantadoras se soubessem manejar com mais discrição o vermelho do lápis com que ensanguentam a boca! Mas a tendência é, geralmente, deformar o que à natureza executa e o resultado torna-se o mais desastroso possível.

A menina Gracinha desgostosa, porque a sua fauce ultrapassava um pouco os limites necessários para rivalizar com a boca quase microscópica de Claudette Colbert, zás... resolve encurtá-la com um coraçozinho de «rouge», desenhado bem ao centro dos seus lábios rectos... E sai a exibir a sua «boquinha mimosa» sob a risota galhofeira dos que percebem o truque...

Lilita foi ao cinema. Viu Marilyn Monroe. Custou da sua cabeleira loira. Quer possuir uma igual. Mas Lilita é morena... tem os cabelos pretos... O que fez já se adivinha: correu à drogaria da esquina, trouxe um vidro de certa água «antiseptica» e, dias depois, com grande es-

cândalo da vizinhança, surge a nossa jovem completamente «lourificada».

Joaninha é pálida, doente, enfadada. Foi visitar com a mamã uma família a Mafra. Viu o rosado natural das meninas dos saloios, a sua maquiagem feita de sol e de ar puro. Ficou cheia de inveja... Quis ser rosada também... Nada mais fácil. Duas rodela disformes de «vermelhão» e a Joaninha no dia seguinte pôs-se a passear toda lampieira nas ruas do seu bairro, ali na Estefânia, com o rosto transformado numa linda bandeira espanhola.

D. Sílvia — ou Madame Sílvia como se diz elegantemente — ficou viúva de um momento para o outro. Coitada!... Que contra-tempo!

Pôs de lado o seu lindo vestido de seda lilás, que tão bem lhe realçava o moreno da cútis, e todas as «toilettes» que constituíam o desespero financeiro do pobre Joaquim, obrigando-o talvez a embarcar desta para melhor mais depressa do que ele tencionava. Teve de envergar o crepe pesado da viuvez. Coisas da vida...

Mandou fazer um luto elegante, pelo último figurino da Loja das Meias (passe o reclamo).

O facto de estar viúva não significava que deveria perder o cunho da distinção. Até à missa do sétimo dia, coitada, Madame Sílvia, a quem fomos dar os pêsames, não saiu de casa, tristonha, a chorar inconsolavelmente a partida do seu querido companheiro! Ah! Destino ingrato!...

Os dias passaram. A dor, pelo costume, insensibilizou-a. Aca-

MULHERES



buo por sentir saudades da Avenida e resolveu dar um passeio, numa tarde estival de S. Martinho...

Envolveu-se nos crepes elegantes do seu vestido «chic» de viúva. Antes de sair consultou o espelho. Céus! Que aspecto fúnebre o seu, assim toda de preto... o «baton» convidativo repousava sobre o mármore do toucador.

Não resistiu. Pegou nele nervosamente para disfarçar o seu aspecto desolador de viúva recente.

E nessa tarde em plena Avenida, os transeuntes de pupilas ávidas, voltaram-se à passagem de uma linda senhora de luto fechado, escandalosamente pintada, como se o «rouge», contradizendo o simbolismo das vestes negras, naquela face moça:

— Este luto é uma imposição da sociedade. Vai aqui porque não há outro remédio... é tudo fingimento... puro fingimento... mais nada.
— A pintura, qualquer que seja a sua aplicação é incontestavelmente uma arte. E ainda mais quando praticada sobre a epiderme esplendidamente favorecida de certas mulheres que Deus criou...



Se a moda pega...

O brasileiro não se veste de acordo com seu clima disse o milionário, pintor e arquitecto Flávio de Carvalho. E sem dar muita importância à opinião dos conservadores, levou a cabo o que chamou de Experiência n.º 3 (a número 2 foi uma atitude herética, no meio de uma procissão, para estudar a psicologia da moda masculina. Flávio idealizou um traje (mistro de roupa da Idade Média com saíote e blusa rendada) que, na sua opinião, vai arquivar as calças e votar ao ostracismo o paletó. Com tubos de «nylon» para ventilação do busto e meias de corista, Flávio Carvalho, robusto, de cabelos grisalhos e óculos de sábio, desfilou pelas ruas de São Paulo com o ar grave de quem atravessasse o Rubicão. E a idílica foi lançada. Verdadeira multidão acompanhou-o na sua passeata. Em vista do êxito obtido pretende organizar um desfile no Rio de Janeiro com a colaboração dos estudantes de Direito. Se a moda pega...



HOMENS SINGULARES

O CLIENTE

O relato que se segue foi escrito numa prisão inglesa por Anthony Parkington, o homem dos superlativos: o caloroso mais sedutor, o gatuno mais afortunado, o mais singelo cavalheiro de indústria. A sinceridade de Anthony fange, porém, o maravilhoso. Ao cair nas mãos da Justiça por duas proezas de menos vulto, mostrou o seu diário ao presidente do Tribunal e foi condenado a cinco anos de cadeia; cinco anos por 521 casos de calote e por outras 200 traçaças. Os hotéis mais famosos da Europa e as mais destacadas personagens do mundo foram ludibriados por Anthony Parkington. Mas ele era tão hábil que nunca foi detido. Como se arranjou para escapar às autoridades? O próprio Parkington no-lo conta neste artigo.

*

O meu nome (verdadeiro) é Anthony Parkington, mas tive uma centena de les; precaução, afinal, bem supérflua, pois o cadastro que eu tinha na Polícia era pior que a minha consciência.

Roubei 521 hotéis e cometi dois centos de outras burlas. Em dois casos fui acusado de me ter ido embora sem pagar. Teria apanhado uma pena não superior a três meses. Os meus sessenta anos e a minha formosa barba branca servir-me-iam de atenuantes. Mas quando o Juiz de Instrução eu o diário que eu lhe pusera na mesa, começou a interessar vivamente por mim. Não estou demasiado arrependido de lhe ter dado a conhecer todo o meu curriculum vitae.

Adoro a ordem e possuo minucioso ficheiro de todas as minhas aventuras. Por isso

TE QUE NUNCA PAGAVA

pude elaborar um diário exacto. E por isso também me instalaram durante cinco anos na prisão de Newcastle.

O promotor da Justiça classificou-me de «rel de caloteiros», de «maior ladrão de hotel de todos os tempos» e de «perpétuo cliente que nunca pagava». Os homens do foro têm sempre tendência para exagerar. Eu acho que não mereço aqueles títulos, embora reconheça que levei uma vida muito divertida — a ex-vida muito alheias — e que conheci de perto as grandes personagens do orbe.

A maior parte dos velhos não têm senão recordações. Na minha vida — modesta, mas cômoda (onde volto a ser cliente que não paga) — podia eu ocupar-me das minhas memórias durante mais de cinco anos...

Contarei alguns factos significativos. Pela perspectiva que oferecem, tornar-me-ei compreensível aos meus leitores.

Ai está, por exemplo o do Aga Khan. Vivíamos os dois no hotel C. de Cannes (em certos casos repugna-me citar o nome do hotel; entendo que não devo prejudicar determinadas pessoas). Mas bem, continuemos. Sempre senti grande predilecção pela

Riviera; não só pelo seu clima e os seus encantos naturais, mas também pelo seu ritmo da vida. A maior parte das pessoas acodem à Costa Azul por uma de duas razões: ou porque não têm preocupações ou por que querem libertar-se delas. Essa região bendita e soalheira tem no inverno, suave e reconciliadora atmosfera, que predis põe os turistas a encontrar encantos uns nos outros: a desconfinança fica no «train bleu». Foi precisamente no «comboio azul» que eu conheci o Aga Khan. Nessa altura, ele não era velho, mas na pera que lhe franjava o rosto não brilhavam já uns pingos de neve. A minha mente foi-me sempre utilíssima. As pessoas com quem contactei formavam uma ideia muito superficial dos cavalheiros de indústria; quando pensam nalgum deles, nunca imaginam um cavalheiro de estatura mediana, irrepreensivelmente vestido e de perinha branca.

Conversámos ainda não havia cinco minutos no vagão-restaurante e eu já me inteirei do hotel onde se alojaria o príncipe. Disse-lhe, claro está, que esse colhera o mesmo. Como não levava no bolso senão uns miseráveis francos, instalar-me neste ou naquele ser-me-ia indiferente.

Além disso preferia os hotéis de luxo. Não é que eu não possa passar sem refinamentos; pelo contrário, as pensões agradáveis de tipo familiar harmonizam-se muito melhor com a minha maneira de ser. Mas infelizmente é facto indiscutível que a gente modesta desconfia uma da outra, em vez de se ajudar mutuamente. Por isso, simpáticos leitores meus, é mais fácil viver seis semanas num hotel de luxo sem pagar uma única factura que dever um só almoco numa pensão barata.

O Aga Khan mostrou-se extremamente amável comigo. Quando lhe contei que minha filha que embaraçara em Menton não chegaria a tempo de apanhar o comboio, o príncipe convidou-me a ir no seu carro ao hotel onde estava. Aceitei agradecido. Resta dizer que é decididamente vantajoso a gente aparecer de que o carro do Aga Khan diante de um hotel.

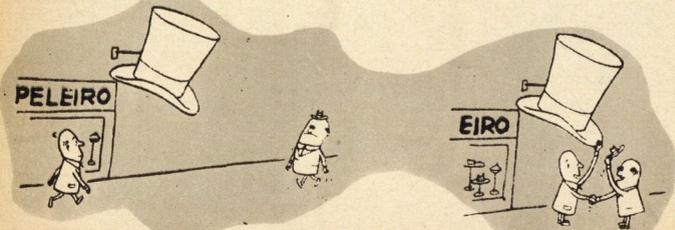
Costumo — ou melhor costumava — instalar-me nos quartos mais modestos dos melhores hotéis. Até chegava a perguntar o preço. Só nas novelas policiais os gatunos roubam dinheiro aos seus vizinhos. Eu tributo grande valor à formalidade e à respeitabilidade. Mas quando me viram chegar com o príncipe destinaram-me logo um dos melhores apartamentos com varanda para o mar. O facto de eu não trazer senão uma pequena mala de viagem nem sequer foi notado; aliás, sem pôr na coisa a menor importância, mencionei que o resto da bagagem chegaria depois.

Por motivos que não preciso de expor, nunca permaneci num hotel mais de uma semana...



(Continua no próximo número)

Na rumorejante Paris a bomba já rebentou: Ingrid Bergman vai estreiar-se no teatro. Mas o que continua a intrigar toda a gente é o mistério em que a famosa atriz procura envolver tudo que se relaciona com a sua vida artística e muito principalmente com que se está a passar no «Theatre de Paris». A entrada na conhecida casa de espectáculos foi vedada aos jornalistas e os ensaios decorrem sob o maior sigilo. Não falta, porém, quem avenge que a estranha decisão da empresa, dirigida por Elvire Popesco, se deve ao facto de se pretender rodear a estreia da maior expectativa. A peça — «Chá e simpatia» — murmura-se nos círculos teatrais de Paris — apresenta um problema *scabreux*: trata o caso de um jovem estudante de ares efeminados que se apaixona pela directora do seu colégio. Seja como for, Ingrid Bergman furtava-se a todos os olhares curiosos. A fotografia mostra-a apendo-se do seu automóvel junto de uma porta secreta do velho «Theatre de Paris».



CURSO DE FAQUIR POR CORRESPONDÊNCIA

ATENÇÃO, leitor! É absolutamente de graça! Sem sair de casa, ficará habilitado a exibir-se na pista do Coliseu, num circo de feira ou em qualquer teatro de província. Garantimos-lhe desde já a eficiência do curso que consta de meia dúzia de lições muito acessíveis, muito claras.

Para o dirigir, contratámos, em segredo, o famoso professor Scarha Bey, ex-faquir de grande reputação mundial. Sua Excelência, o «milagreiro» que viajava incógnito, passou, há dias por Lisboa. Os jornais não registaram o facto (não sabiam...) mas nós, atentos a todo o movimento do aeroporto, chegámos à fala com o Scarha que não se fez caro. A troco de um galão de gasolina para ele transformar a boca em fogão de sala e poder aquecer-se (fazia um frio de rachar...) conseguimos arrancar-lhe os truques. Depois, dissemos-lhe que íamos oferecê-los aos nossos leitores e ele assentiu, muito gentilmente. Posto isto, vamos à...

LIÇÃO PRIMEIRA — A CATALEPSIA

É muito fácil, principalmente nesta quadra, em que, queiramos quer não, trazemos os membros entumecidos. Incrível teatralidade envolve este número, óptimo para conquistar a piedade das sogras. O faquir gesticula, solta gritos estridentes e respira profundamente perfumes aromáticos. — Depois com os olhos fora das órbitas, imobiliza-se pondo os membros e o corpo rígidos. Segundo a expressão consagrada, mergulha em transe cataléptico. Na realidade, esta experiência está ao alcance de todos. Basta saber dar rigidez aos músculos. Com um pouco de treino diário, consegue-se facilmente manter em equilíbrio o corpo susgado por duas cadeiras, uma em que repousa a nuca e outra na qual pousam os pés.

Na próxima lição: A DETENSÃO DO PULSO.



SOBRE a Hungria heroica, que lutava pela redenção, pairou uma alegria fugaz. A notícia de que «eles» se iam embora, trouxe um alento novo a um povo saturado de sofrimento. E aqui e ali, quando deixou de se ouvir o fragor da metralha, lampejaram sorrisos de esperança e... de ternura. Mas eles — os russos — persistiram em calcar com a sua pata brutal o solo mártir da pátria e aos corações amantes destes dois jovens, voltou a incerteza, a angústia, o temor e o desespero. O documento fotográfico que se publica valeu apenas o instante fugidivo em que a rapariga deu lume ao seu «camarada»...

PACIÊNCIAS DE ESCRITÓRIO

À ESQUERDA E A
CONTAR DE CIMA:
O «caixa» e o chefe
do pessoal.

A DIREITA: A dacti-
lógrafa «glamorosa».

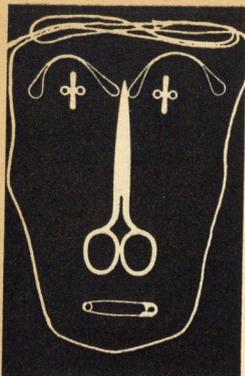
EM BAIXO: A tele-
fonista quarentona.



as «paciências» e apresentou-as no «Photography Hand-boat» de Nova Iorque. Só depois revelou a técnica que havia utilizado ao prescindir da objectiva. Reunido o material de escritório, e «desenhadas» as figuras sobre papel fotográfico, submeteu-as à acção de uma luz intensa. As superfícies cobertas pelos alfinetes, elásticos e demais matérias primas, que não receberam luz surgiram como traços brancos, recortados no fundo negro do papel fotográfico.

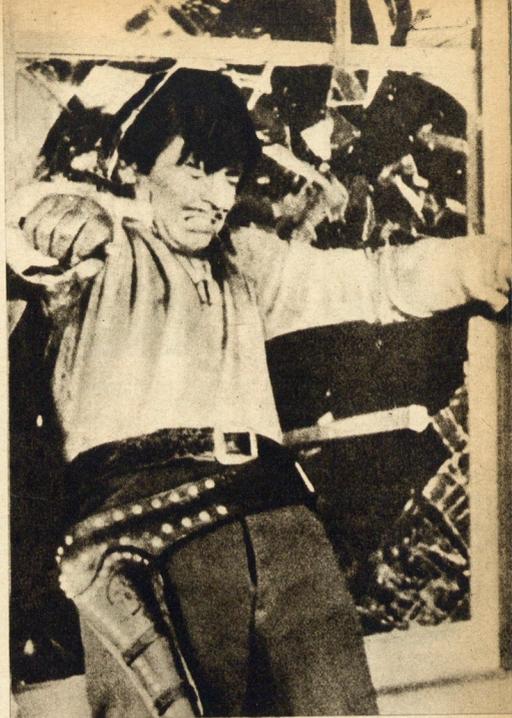
Al Barry reproduziu todas as figuras de carne e osso que trabalham no escritório.

No fundo dois ovos de Colombo servidos no mesmo prato: o material e o do processo fotográfico.



Nas cenas de perigo, os actores cinematográficos costumam fazer-se substituir pelos chamados «stunt-men» — espécie de carne de canhão das fitas puxavantes, destinada a arriscar a pele. Mas Clark Gable costumado a derrubar este mundo e o outro e a meter na algibeira todos os valentões que se lhe deparam não as corta. Dispensa de bom grado os serviços dos tais «stunt-men» mesmo quando corre o risco de cortar nos cristais de uma janela. Aqui, porém, há truque: o vidro não é senão finíssima película de açúcar fundido. Mais um artifício de uma parte de artificios, que os cinéfilos ficam desde já a conhecer.

FADO...
E COZIDO
À PORTUGUESA



Deolinda Rodrigues não sabe apenas cantar o fado; sabe também cozinhar bons pitéus. Claro, esta sua habilidade não a exhibe em público. Reserva-a para uso estritamente doméstico. E lá em casa não há cozinheira que lhe leve a palma... Pelo menos é isto que se presume, pois contra-prova ainda se não fez. Deolinda não quer muita gente a mexer na sua panela — para um cozido à portuguesa...



As damas e os cavalheiros apresentados nesta página são conhecidos de todos os que trabalham, ou trabalharam num escritório. Aqui se lhes depara a colecção completa — desde a loura empregada que faz as honras da casa e se julga um prêmio de beleza até ao filho do patrão que começou por arquívista e prestou tão boas provas que foi promovido a chefe na semana seguinte.

Após breve experiência desta nova arte de compor figuras, Al Barry, sem precisar de máquina, fotografou

O Bigode de um amoroso



1.ª SEMANA



2.ª SEMANA



3.ª SEMANA



4.ª SEMANA



5.ª SEMANA



6.ª SEMANA

EXERCITE O SEU VOCABULÁRIO

Apresentamos seis grupos de três palavras, cada uma das quais composta de quatro letras. Descuberta uma delas, de acordo com o significado dado, a simples troca de letras fornecerá outras duas, ainda de harmonia com os seus significados. Para estar em dia é necessário ser «totalista».

- a) — círculo
b) — terreno em frente de uma igreja
c) — conceder
- a) — pedaço de tábua
b) — covil
c) — procurso
- a) — paixão
b) — cidade
c) — atraso
- a) — folha de ferro estanhado
b) — aumento de preço
c) — chicote
- a) — frio excessivo
b) — porção de líquido
c) — transmitir
- a) — animal doméstico
b) — manto de lã romano
c) — lágrima

Soluções na página 31

BAPTISMOS a curto prazo...

NO Japão a mãe e o pai não pensam sequer no nome a dar ao filho, antes deste ter cinco semanas já feitas. É nessa altura que levam a criança ao templo mais próximo. De acordo com a família, o «bonzo» (sacerdote) escreve três nomes diferentes, em três papelinhos de seda que são deitados do alto pórtico da entrada, enquanto os parentes e os convidados dirigem fervorosas preces ao deus predilecto da família. O primeiro dos três papelinhos que tocar no chão indica o nome que a criança usará até aos três anos.

Nessa idade, a criança abandona os seus vestidos de bebé para envergar os de «pessoa crescida». Nova cerimónia, e outro nome. Aos quinze anos, o japonês é declarado «maior»; e o melhor que ele entende fazer para solenizar o acontecimento é tomar outro nome, que tornará a mudar na ocasião do seu casamento.

A mudança dos nomes só acaba... com a vida. Quando morre, o japonês recebe ainda outro nome, sob o qual será designado sempre nas orações da família.

Uma complicação e uma intriga para quem os viu alguma vez e tem a sorte de voltar a vê-los...



Com a idade de 76 anos — bem bonito rol — Grock, que foi considerado o maior «clown» do mundo, jubilou-se do mister de fazer rir para se dedicar à vida de jardineiro. Ao retirar-se dos palcos e das pistas, onde deixou peregrino rasto de saudade, fê-lo com viva emoção, pois sentiu à sua volta a homenagem espontânea de admirações verdadeiras. A gravura documenta um efusivo abraço trocado entre Grock e Charlot na última representação do primeiro.

A NOSSA CAPA

Açúcar e doçura! Parece o mesmo mas não é. Açúcar e doçura são fórmulas que se completam neste quadro a que a nossa capa deu cor. A réplica miniatural do célebre «pallace» de Tajinnal, feita de 33.000 cubos do precioso tempero, junta-se a doce presença de Monique Vodren, a qual vamos lá, também é um belo edifício da... Natureza.



6 tipos de mulher para escolher...

A diligente burocracia americana, teve, recentemente, o que se chama um trabalho: apurar, à custa de laboriosas estatísticas, como vivem e o que fazem os cidadãos de saias do seu extenso país. O resultado:

A DONA DE CASA (1): As raparigas que desde a adolescência pensam no remanso da vida doméstica, casam-se, agora muito cedo: por volta dos 20 anos — ou ainda antes — e geralmente com 29 já são mães de três ou quatro bebés.

A EMPREGADA (2): Mais de 20 milhões de mulheres vivem do seu próprio trabalho (há quinze anos, esse número não excedia 10 milhões). E entre as várias profissões que exerce, predominam aquelas às quais os americanos chamam «glamorosas» (modelos, figurantes de cinema, etc.).

A DIVORCIADA (3): Como se sabe, em matéria de divórcios a América leva a palma a todos os outros países ocidentais. Julga-se, que as separações em série são consequência das jovens se casarem muito cedo. No entanto, 70 % das mulheres voltam a dar o sagrado nó — que para elas é muito pouco sagrado.

A VIÚVA (4): Dantes, quando lhe morria o marido, a eterna companheira do homem, «retirava-se» do mundo para ir viver com parentes; agora, na evoluída América a coisa é diferente. Três quintas partes das 7.500 viúvas americanas governam-se por si e se são da mesma idade não perdem de todo as ilusões da vida...

A CIENTISTA (5): É a mais rara, pois é difícil a família apadrinhar a carreira. Todavia a mulher dos laboratórios, se é casada, consegue conciliar a exigência da profissão com as da vida doméstica.

A ARTISTA (6): A mulher que exercita uma arte seja esta a de escritora, pintora ou actriz, goza nos Estados Unidos do melhor conceito. Embora em nenhum desses campos não tenham surgido «génios», a verdade é que o nível médio é muito apreciável.

Portanto, já sabe, se algum dia for aos Estados Unidos em demanda de amor e de fortuna tem seis, perdão, cinco tipos de mulheres para escolher.



O "ROCK and ROLL" JÁ TEM... ROL NA POLÍCIA!

ESTA dança da moda, a célebre «Rock and Roll» que parece destinada a submergir o mundo numa onda de loucura já começou a dar que falar e a dar que fazer à polícia. Não nos referimos, evidentemente, à noite da estreia de «Ritmo do Século» numa casa de espectáculos do Parque Mayer alfacinha. Referimo-nos a uma triste gracinha ocorrida noutra cidade da Europa e provocada pela aparição de Elvis Presley — o tal que ensinou a dançar. Pois o nosso Elvis causou desordem na praça pública — sem querer talvez... Mas o certo é que o trânsito ficou paralisado quando as suas admiradoras o sequestraram para lhe pedir autógrafos. Aconteceu isto junto a uma bomba de gasolina. O dono da garagem não gostou da assembleia reunida junto do seu posto, trocou algumas palavras azedas com o sr Presley, puxou-lhe pelas abas do casaco para fazer valer os seus argumentos, Mas o sr. Presley que mede um 1,80 m. não esteve com meias medidas e recorreu, por seu turno, à linguagem dos músculos. Deu um soco, atirou o dono da garagem ao chão. A polícia interveio e interveio a valer quando não as enlouquecidas fanáticas que, na foto assediam o ídolo não davam cabo do homenzinho. Onde se metem mulheres...

SOLUÇÕES. Da Pág. 28: 1. roda, adro, doar; 2. tao, toca, cato; 3. amor, Roma, mora; 4. lata, alta, tala; 5. gelo, gole, lego; 6. gosto, fogo, gota.
Da Pág. 16: Princesa Margareth.

Um casal trava-se de razões em plena rua e chega a vias de facto. Minutos volvidos, comparece na esquadra mais próxima em companhia de um amigo.

- Presencio a origem da cena? — pergunta o chefe ao amigo.
- Sim... foi há dois anos.
- Como se entende isso...?
- Fui padrinho de casamento.





Necessidade de isolamento, de calma, espírito insociável.

Materialista nos instantos dominantes, observador.

Vigor de carácter e consciência profissional.



Necessidade realçada de actividade psíquica, falta de senso prático.

Necessidade de emoções, fantasia, senso prático, coragem, entusiasmo.

Assência de auto-confiança, susceptibilidade, amor próprio.



Desejo de prazer, vaidade, amor de perfeição, ordem.

Transição morosa das ideias aos actos.

Falta de firmeza, necessidade de se sentir apoiado e compreendido.



Debilidade moral ou depressão psíquica passageira.

Espírito ponderado que leva as coisas até ao fim.

Dinamismo, grande espontaneidade, euforia.

CAUTELA! Olhe que estão a OBSERVA-LO...

TENHA cautela, leitor! Diz o povo e com razão que o rosto é o espelho da alma. Nunca se esqueça de que o semblante e os gestos podem traí-lo em qualquer circunstância. As suas mais inofensivas manias fornecem cópiosa matéria para um tratado inteiro sobre o seu carácter. Um famoso mimólogo francês, Christian Melsen, prestou-se a imitar os «tiques» masculinos mais reveladores. As imagens fixadas ajudarão as pessoas com quem priva a decifrar o mistério das suas pequeninas manias» inconscientes. Portanto, cautela! se conhece a si mesmo, escusa de dizer aos outros aquilo que é...



Amor ao luxo, sobrepondo o agradável e o supérfluo ao útil.

Escrúpulos quase sistemáticos, ansia de perfeição.

Independência, distração, e, muitas vezes, nervosismo ou fadiga.

Preocupações de ordem afectiva e familiar.

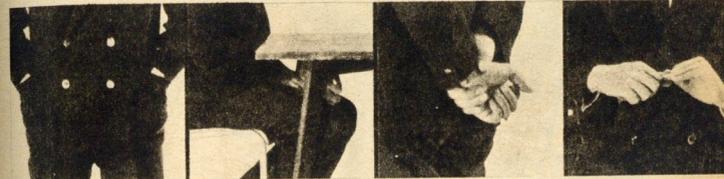


Sangue-frio, ponderação, largueza de espírito, sentido de humor, discrição.

Necessidade de afectos, confiança nas pessoas, irreflexão, sinceridade.

Gula, auto-confiança e visão optimista do futuro.

Precisão de actividade e de mudança de ambiente, espírito realista.



Timidez, orgulho, sensação frequente de mal estar.

Sentimento de culpabilidade, convicção de ter causado mal a alguém.

Falta de a-propósito, embaraço momentâneo.

Falta de saber viver por egoísmo, indiferença.



Bon vivant, espontaneidade, generosidade, cólera, admiração, espanto.

Falta de imaginação, muita vez indiferença por perigosa fatalismo.

Sentimental facilmente impressionável, pessimista.

Conformismo, reserva, austeridade, recusa a priori, dificuldade em fazer amigos.

Todos gostavam de Tónio. Excelente rapaz, alegre, bom «vivante» amigo da sua partida e sempre com uma graça à flor dos lábios.

Mas, um destes dias, o director da nossa revista foi dar com ele muito pesado a passear pela Ferreira Borges. Eram horas de trabalho.

— Que tens, homem? Perdeste alguma coisa?

— Não, senhor. Foi despedido pelo Lopes, o encarregado da distribuição.

— Então, porquê?

— Olhe, ... ciúmes! — Fez ele com um encolher de ombros.

— Ciúmes? ...

— Pois! ... O senhor não sabe o que é um encarregado — inquiriu por sua vez, franzindo o sobrelho —. Um encarregado é um indivíduo que não faz senão dar voltas e mais voltas pelo armazém a ver como trabalham os outros.

— E zangou-se contigo?

— Já lhe disse — protestou —. Tinha ciúmes.

E tudo porque o pessoal julgava que o encarregado era eu.

Esta é da casa...



Acabou a bisbilhotice! E a mulher volta-nos, agora as costas? Nada disso, leitor. Não faça mau juízo. Esta simpática jovem que você também conhece, olga ainda o olhar por tudo que lhe mostrámos no ameno diálogo desta semana. Não se lhe vê é a mão, pois se se visse, você teria lhe corresponder ao aceno — um aceno de até logo, a prometer presença já na próxima semana.

*Neste
numero*



A AMÉRICA
ESCOLHEU

INSTANTE FUGIDIO
NUM INFERNO DE
METRALHA

Preço 1\$50

O MAIS JOVEM
SEPTUAGENARIO
DE INGLATERRA

N. 1